

**SENADO FEDERAL
COMISSÃO DE EDUCAÇÃO
SUBCOMISSÃO DO CINEMA BRASILEIRO**

**ATA DA 3ª REUNIÃO ORDINÁRIA, DA 1ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA
51ª LEGISLATURA, REALIZADA EM 23 DE SETEMBRO DE 1999.**

Às nove horas e trinta minutos do dia 23 de setembro de mil novecentos e noventa e nove, na sala de reuniões da Comissão de Educação, Ala Senador Alexandre Costa, sala 15, sob a Presidência do Senhor Senador José Fogaça e com a presença dos Senhores Senadores, Francelino Pereira, Roberto Saturnino, Agnelo Alves, Gerson Camata e Maria do Carmo Alves, inicia-se a Reunião da Subcomissão do Cinema Brasileiro. Deixam de comparecer, por motivo justificado, os Senhores Senadores, Maguito Vilela, Teotônio Vilela, Luiz Otávio, Álvaro Dias, Sebastião Rocha e Leomar Quintanilha. Havendo número regimental, abrem-se os trabalhos. A seguir, a Presidência inicia a deliberação da Pauta. **Item 01: Cronograma de trabalho e atividades para o mês de setembro**, aprovado. **Item 02: Indicação dos suplentes da Subcomissão do Cinema Brasileiro**. Foram indicados os seguintes Senadores: **Agnelo Alves e Gerson Camata (PMDB); Maria do Carmo Alves (PFL); Sebastião Rocha (Bloco de Oposição) e Leomar Quintanilha (PPB)**, aprovado. A Presidência comunica que o Senador Lúcio Alcântara passa a integrar o colegiado de titulares da Subcomissão em substituição ao Senador Teotônio Vilela Filho, segundo endendimento mantido no âmbito da Subcomissão e referendado pelo Presidente da Comissão de Educação, Senador Freitas Neto. **Item 03: Assuntos Diversos - Aprovada a realização de Audiência Pública com o Secretário para o Desenvolvimento Audiovisual do Ministério da Cultura, Senhor José Álvaro Moisés, a ser realizada no dia 30 de setembro de 1999, às 9:00 horas**. Prosseguindo, o Senhor Presidente determina que as Notas Taquigráficas sejam anexadas a esta Ata para a devida publicação. Nada mais havendo a tratar, a Presidência encerra a reunião, às onze horas e quarenta e minutos determinando que eu, **Júlio Ricardo Borges Linhares, Secretário da Comissão de Educação**, lavrasse a presente Ata que após lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente.

**SENADOR JOSÉ FOGAÇA
PRESIDENTE DA SUBCOMISSÃO DO CINEMA BRASILEIRO**

NOTA TAQUIGRÁFICA

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Vamos dar início à terceira reunião ordinária da Subcomissão do Cinema Brasileiro, na Comissão de Educação do Senado Federal.

Temos na nossa pauta, como primeiro item, o roteiro de audiências públicas para o segundo semestre de 1999. A apresentação desse roteiro será feita pelo Relator da Comissão, Senador Francelino Pereira. Como item segundo, teremos também um relato, por parte do Senador Francelino Pereira, da participação na abertura do Festival de Cinema do Rio. Vamos também discutir algumas questões relativas à forma de participação ou à forma de intervenção da Comissão nas primeiras reuniões ou nas primeiras sessões do festival.

Antes de passar a palavra ao Relator, quero comunicar à Comissão que recebi do Senador Freitas Neto, Presidente da Comissão de Educação, um ofício dando conta dos nomes que estão designados para ocuparem a condição de suplentes da Comissão. São eles: Senadores Agnelo Alves e Gerson Camata, do PMDB; Senadora Maria do Carmo Alves, do PFL; Senador Álvaro Dias, do PSDB; Senador Sebastião Rocha, do Bloco de Oposição; Senador Leomar Quintanilha, do PPB. Também, para ocupar uma das vagas de titular, o Senador Lúcio Alcântara, do PSDB, em substituição ao Senador Teotônio Vilela Filho, que foi sugerido pelo próprio Senador Teotônio Vilela.

De imediato, passamos ao primeiro item da pauta, roteiro de audiências públicas para o segundo semestre de 1999.

Concedo a palavra ao Relator, Senador Francelino Pereira.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Sr. Presidente, temos que debater aqui de forma objetiva a formulação desse roteiro. Inicialmente, convocar nossa atenção para a realização desse trabalho, no sentido de que essas reuniões devam ser sempre bem comparecidas, para que os trabalhos possam ser desenvolvidos rapidamente no pressuposto de que poderemos concluir nossos trabalhos até dezembro, embora haja a possibilidade de estender-se mais, vem aí o recesso parlamentar. Então, precisamos discutir esse roteiro a partir não apenas do esboço que está aqui, mas também, mais uma vez, verificarmos se este é o horário ideal para a sua realização.

A formação da Comissão, por membros suplentes, vai facilitar ainda mais o comparecimento. O horário de nove horas é um horário inusitado. Temos aqui uma experiência que não inclui o trabalho antes das dez horas da manhã. Mas, efetivamente, a meu ver, esse é o melhor horário, obtendo o compromisso de todos de comparecerem exatamente às nove horas da manhã, para que, às dez ou onze horas, estejamos livres para outras atividades no Congresso Nacional.

O roteiro deve estar aí na pasta dos senhores membros da Comissão. O roteiro é um esboço, uma sugestão. Eu mesmo tenho reparos a fazer a este roteiro. Roteiro das audiências públicas Internas, aqui no Senado, até o final da Sessão Legislativa, ou seja, até dezembro. A primeira reunião ordinária destinada à instalação da Subcomissão do Cinema foi realizada em junho. Em 15 de setembro, realizamos a segunda reunião ordinária, com a finalidade de fazer a configuração geral dos trabalhos e o critério básico para as audiências. Em 23 de setembro, terceira reunião ordinária, roteiro das audiências públicas internas até o final da sessão legislativa. O roteiro, agora, seria este: no dia 7 de outubro, faríamos uma reunião ordinária, que corresponderia à primeira audiência pública aqui; no dia 21 de outubro, faríamos mais uma reunião ordinária, que corresponderia à segunda audiência pública; no dia 11 de novembro, faríamos a sexta reunião, correspondente à terceira audiência pública; no dia 25 de novembro, seria a sétima reunião, correspondendo à quarta audiência pública; no dia 7 de dezembro, reunião extraordinária, correspondendo à quinta audiência pública; e, finalmente, no dia 9 de dezembro, seria a oitava reunião ordinária, a sexta audiência pública.

Sr. Presidente, Sr^{as}. e Srs. Senadores, como verificam, são poucas as reuniões para a realização do nosso trabalho. Aqui não estão incluídas as audiências externas, em São Paulo, Rio de

Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador ou Fortaleza. De qualquer forma, parece-nos muito reduzido o número de audiências públicas no Senado. Eu gostaria que V. Ex^a colocasse em discussão para deliberarmos a respeito.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - A palavra está à disposição dos membros da Comissão que desejarem fazer uso dela.

Senador Francelino Pereira, infelizmente, esse é o horário de que dispomos. Outro horário, eventualmente, poderia ser marcado ou organizado previamente, acertado e combinado dentro da Comissão. Como uma definição prévia, programada para todo o semestre, só podemos contar com os horários absolutamente livres e certos. As 9h de quinta-feira, em princípio, não há nenhuma comissão permanente trabalhando, não há sessão do Senado, nem do Congresso. Conseqüentemente, as reuniões de quinta-feira, às 9h, até dezembro são rigorosamente certas, salvo excepcionalidades. Pode até haver um feriado nesses dias.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Não haverá feriado. São reuniões básicas, com dias certos.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - De fato, vejo com esta perspectiva: esses horários e esses dias são certos. Isso não elimina a possibilidade de, eventualmente, um convidado ou expositor entender esse um horário impossível, um dia inviável. Poderemos, então, combinar entre os membros da Comissão - já o fizemos outras vezes - para marcar horário e dia especiais. Como nós temos de fazer uma programação prévia e definida até o final do ano, temos de contar com as datas rigorosamente certas. É essa a minha primeira observação.

Concedo a palavra ao Senador Gerson Camata, que também deseja fazer algumas observações.

O SR. GERSON CAMATA - Sr. Presidente, se V. Ex^a e o relator me permitem, eu queria fazer uma sugestão.

Todos nós aqui de vez em quando participamos de encontros, de seminários, de reuniões sobre um ou outro assunto. Eu tenho observado que as reuniões mais produtivas são aquelas em que dedicamos um dia inteiro ao mesmo assunto e de noite preparamos o relatório. Portanto, em lugar de fazer essas audiências - a Comissão não é muito grande e todos poderiam colaborar -, eu sugeriria que fizéssemos o seguinte: numa segunda-feira, por exemplo, começamos às nove horas da manhã e vamos até às nove horas da noite, com horário de almoço. Vamos pegar um tema e debulhá-lo. Em duas segundas-feiras estará tudo resolvido, todo mundo já terá falado. Estando todos juntos, após termos ouvido alguém falar, na hora do almoço ou na hora da pausa para o café damos prosseguimento àquele assunto. Esse procedimento dá rapidez aos trabalhos e faz com que todos mergulhem no assunto em pauta.

Quando as reuniões ficam muito espaçadas e perde-se uma delas, perde-se o fio da meada; acontece o que está acontecendo com o Senador Suplicy: ele começa a perguntar tudo o que os outros já perguntaram, quando ele chega atrasado. Isso atrasa tudo.

Vamos tentar fazer isso. Seria uma inovação aqui. Quando se faz essa espécie de mergulho em um seminário é muito produtivo. Quem sabe não poderíamos combinar para segunda-feira, na outra sexta ficamos até a noite e depois vamos embora para os nossos estados no sábado? Podemos combinar também que quem tivesse compromisso mandasse o suplente. Fariamos tudo em dois dias, de 9 horas da manhã às 9 horas da noite. Vamos fazer uma reunião pelo menos. Se não der certo, rachamos tudo. Se der certo, acho que produziríamos mais resultados. Essa é uma sugestão para analisarmos; acho-a interessante.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Temos, portanto, uma sugestão do Senador Gerson Camata que não deixa de ter seus atrativos. A palavra está em aberto.

O SR. ROBERTO SATURNINO - De minha parte, eu até concordo com a sugestão do Senador Gerson Camata, desde que, em vez de segunda fosse na sexta, porque segunda é dia de reunião de partido e para mim é complicado. Mas se pegássemos três sextas-feiras, o dia inteiro...

O SR. GERSON CAMATA - Com duas se faz isso.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Eu não sei se é possível, porque é muita coisa, é muita gente.

Essas datas aqui são todas de quinta-feira?

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Virtualmente toda quinta-feira.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Mas 7 e 9 de dezembro não podem ser quintas-feiras. Por que essa extraordinária aqui - a penúltima?

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Aqui já é uma audiência pública.

O SR. ROBERTO SATURNINO - A quinta.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - É porque é dezembro, já está nos aproximamos do final.

O dia 7 é que dia da semana?

O SR. ROBERTO SATURNINO - Talvez seja uma terça.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Que dia da semana é o dia 7? É terça? Isso é no pressuposto de haver a conclusão dos trabalhos ainda em dezembro.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Eu também estou de acordo.

Aqui, por exemplo, há seis audiências públicas e os grupos temáticos são oito. Como é que ajustariamos isso?

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Sem contar o fato de que faltam aí grupos temáticos, em minha opinião. Depois, quando abordarmos isso, terei sugestões a fazer, a acrescentar.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Essa aqui é apenas uma listagem inicial.

Sr. Presidente, com relação à sugestão do Senador Gerson Camata: eu confesso, pela experiência que tenho, quer como deputado quer como senador - todos temos a mesma experiência -, que se entrarmos num clima morno, se houver um espaço muito grande entre uma reunião e outra, não será fácil pegar um ritmo de trabalho que possa repercutir lá fora, na mídia, na imprensa. Confesso que me atrai muito a idéia de realizarmos reuniões, tanto quanto possível, ou na segunda ou na sexta-feira, vindo cinco, seis ou sete pessoas num dia só.

O SR. GERSON CAMATA - (Fora do microfone)V. Ex^a me permita, não é bom que o produtor ou o professor da escola de arte pública, e por (Inaudível) o distribuidor nacional, ou são o produtor, o diretor, eles vão conversar (Inaudível) E às vezes tem recebedor aqui, não está dando direito (Inaudível) Quem sabe? Ele ainda dá uma sugestão direta (Inaudível).... Aí, esse, como é que eles chamam de **brain storm**. O **brain storm** dá uma sacudida. Pois bem, fazemos a primeira no dia 23. Não, hoje é dia 1º, então no dia 7. Depois, quem sabe, jogamos para um outro dia.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - A minha sugestão era no sentido de já iniciarmos nesse clima de trabalho o dia todo. A próxima reunião seria na próxima segunda-feira ou na próxima sexta-feira, porque está muito perto. Podia ser na próxima sexta-feira, mas durante o dia todo. Começaríamos às 9h30min, sendo que de fato começaríamos às 10h, e almoçaríamos aqui mesmo, indo até a noite. Penso que esse é o melhor modelo.

O SR. GERSON CAMATA - Para termos um prazo na agenda das pessoas, de uma ou duas semanas para avisar.

O SR. AGNELO ALVES - Sr. Presidente, se V. Ex^a me permite, a sexta e a segunda-feira ficariam na combinação entre nós aqui. A próxima seria na segunda-feira, na outra seria na sexta, para que não ficássemos presos a um calendário.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Senador Agnelo, essa alternativa de V. Ex^a é de difícil execução, porque as segundas e as sextas-feiras são os dias marcados pelos Senadores para reuniões fora do Senado. Eu, por exemplo, quando sou convidado para uma palestra fora daqui sempre marco para uma segunda-feira ou para uma sexta. Na última segunda-feira, participei de um simpósio, de um seminário na Fundação Conrado Adenauri, em São Paulo. Então, não poderia ter sido hoje. Hoje, não haveria condições, nem terça. Tem que ser numa segunda-feira, e não posso deixar de atender a um convite. Para isso é que existem as segundas e as sextas-feiras, que são dias

de sessões não deliberativas. O que podemos fazer é marcar com antecipação de pelo menos duas semanas, definindo o dia. Ou seja, uma sexta-feira, das 9h até o final dos trabalhos.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Uma sugestão: que a próxima reunião fosse na próxima sexta-feira, um espaço grande, de amanhã a uma semana, mas já havendo um noticiário prévio. E, nesse intervalo, vamos sugerir os nomes. Ainda mais, sendo o dia todo, podemos convidar personalidades do mundo do cinema dessa ou daquela forma, para essa ou aquela data, e nesse dia a imprensa, a mídia, todos nós nos concentraríamos aqui, neste plenário. Seria uma forma de desenvolver um trabalho num clima caloroso.

O SR. AGNELO ALVES - Sem dúvida alguma, Sr. Presidente. Penso que é por aí.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Estou de pleno acordo, Sr. Presidente, mas penso que deveríamos definir os nomes dessa primeira audiência hoje, para que também possamos dar a eles... Porque se não decidirmos hoje, fica para a semana que vem e aí ficará ruim para a agenda deles.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Tenho uma relação extensa de nomes, mas teríamos que discuti-los com a Presidência da Comissão, o que poderia ser ainda hoje.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Que seja hoje.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Na minha opinião, deve ser ainda hoje, Senador Francelino.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Uma reunião à tarde, com os membros da Comissão...

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Não, tem que ser agora, Senador Francelino. Desculpe-me. Temos que definir os nomes agora, hoje, e já convocar as pessoas ou convidá-las.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Mas não agora, nesta reunião, porque eu queria uma informação sigilosa sobre determinados nomes.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - A proposta do Senador Gerson Camata, de termos uma sexta-feira especial, foi acatada pela Comissão, mas temos outra questão a decidir.

V. Ex^a, com seu invulgar brilho, propôs que mesclássemos pessoas com conhecimentos e pontos de referência diversos, das áreas de formação, produção, distribuição e exibição, investidores, produtores, exibidores.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Sr. Presidente, poderíamos fazer a listagem ainda hoje, mas precisamos conversar. Numa reunião - coletiva, vamos chamar assim - como esta, precisamos convidar no primeiro dia, na próxima sexta-feira, representantes dos segmentos mais expressivos da área, para evitarmos comentários contraditórios ou informações que não correspondam à realidade.

O mundo do cinema é também o mundo da sensibilidade e onde as coisas funcionam no plano político não no sentido brasileiro, mas no sentido britânico. Cada área, cada grupo ou cada bloco temático nesta sexta-feira estaria presente e na outra sexta-feira seria a mesma coisa. É uma forma de tornar coletiva a reunião e o debate amplo. Portanto, a escolha não poderia ser feita agora, mas após entendimento por telefone, hoje ainda.

O SR. ROBERTO SATURNINO - É importante que seja hoje, para que não se disperse e fique para a semana que vem.

Penso que poderíamos trazer uma pessoa de cada grupo - são oito. Seriam, então, oito pessoas.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - É uma idéia muito boa. É importante que, na primeira reunião, compareça um representante daquele grupo e que haja, tanto quanto possível, um consenso de que aquela é a primeira pessoa que deve ser ouvida em relação àquele bloco temático.

O SR. AGNELO ALVES - Nesse caso, a Mesa informaria aos integrantes desta Comissão quem comparecerá na outra sexta-feira.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Ainda esta manhã, verificaremos os nomes e faremos os convites. Aqueles que não puderem vir serão substituídos por outros.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Realmente, pode haver problema de data.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - A próxima sexta-feira seria a primeira grande reunião da Comissão. Assim, sairíamos desse clima morno, que não funciona.

Parabéns, Capixaba.

O SR. GERSON CAMATA - A nossa biblioteca é monumental e pouco a usamos. Há poucos dias, fiz uma pesquisa sobre discriminação positiva. Veja, V. Ex^a...

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Em favor das mulheres, das minorias.

O SR. GERSON CAMATA - É um termo que está em moda, é a discriminação que se faz em favor de uma pessoa que está “**handicapeada**”. Por exemplo, o projeto do Senador Antero Paes de Barros, que garante 50% das vagas, está discriminando positivamente aquele menino pobre que só teve chance de estudar na escola pública. É um tema novo no Brasil, embora não o seja nos Estados Unidos.

Veja, V. Ex^a, eu, que iria relatar o projeto, não teria tempo de ler um estudo profundo sobre discriminação positiva. Fui à biblioteca e, em dez minutos, recebi 32 artigos, que podem ser lidos em uma hora, e virei professor do assunto.

Então, quando convidamos alguém para vir a esta Comissão, se pudéssemos não mandar um tratado, mas mandar para a pessoa que vem alguma coisa para ela já ver o que está se pensando, o que está se fazendo, o que o Brasil pensa, um artigo do outro, um artigo sobre aquele tema que está ali... Quem sabe? A pessoa se sentiria segura até para contradizer. Vejo, às vezes, que a pessoa vem vazia, não se deparou, não sabe... dava um chute para provocar...

O SR. ROBERTO SATURNINO - O Senador hoje está cheio de sugestões brilhantes. Vou dizer sinceramente a V. Ex^a, penso até que as pessoas que vêm aqui têm muita coisa na cabeça, nós é que não temos, talvez isso seja muito importante... eles têm... Falo uma coisa específica em relação a si mesmo, à produção...

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Esse problema levantado pelo Senador Gerson Camata não existe porque será proposto um tema ao expositor, e ele trará a sua visão, o seu conceito, e nós vamos ouvi-lo. Evidentemente com a toda a liberdade de se manifestar sobre o que bem entender a respeito da questão cinema, mas vamos propor um tema. Vamos chamar um produtor.

O que nos preocupa aqui? O que nos motiva a criar esta Comissão idealizada pelo Senador Francelino Pereira é saber quais são as dificuldades, quais são os empecilhos, quais são os obstáculos que enfrenta um produtor de cinema no Brasil quando se dispõe a fazer um filme. Mesmo aqueles com grande tradição, com longa tradição têm muita dificuldade. O problema é só arrecadar recursos? O problema é só recursos oficiais? Recursos privados? O problema dele é compor um **cast**, compor uma nomenclatura de atores e atrizes? O problema dele são profissionais, quer dizer, obter e recrutar bons profissionais de qualidade média razoável? O problema dele é de ordem industrial, ou seja, equipamentos, tecnologia? É isso que um produtor tem que nos dizer, tem que nos explicar. E qualquer um desses produtores que estão citados na lista que temos são **experts**, são conhecedores profundos dessa matéria, principalmente das dificuldades, eu imagino.

Senador Agnelo Alves, V. Ex^a está com a palavra.

O SR. AGNELO ALVES - Problemas e idéias não vão faltar e disposição de ouvir também da nossa parte. Então vamos deixar que todos falem, eles falam, digam, vamos ouvir e debater com eles. O que nós decidirmos só decidiremos em dezembro. Ou não? Ou cada sessão do Senado é deliberativa?

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Não. A sessão de audiência pública tem essa finalidade.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - A liberação é a proposta de uma nova legislação...

O SR. AGNELO ALVES - Atualizar a legislação...

O SR. FRANCELINO PEREIRA - No final.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Ao final dos trabalhos, o Relator irá propor possivelmente uma nova legislação...

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Senador Agnelo Alves, da minha parte recomendo à minha assessoria, e o Presidente pode também recomendar à sua assessoria que nós possamos mandar ainda hoje para todos os membros da comissão uma pasta com toda a documentação que temos, que recebemos durante dois ou três meses. Temos cartas de quase todas as pessoas que estão aqui. Temos cartas, temos manifestos assinados por muitas pessoas. Pelo e-mail temos quase que meio metro de papel de manifestações de todo o mundo do cinema num debate realmente muito atraente. Tudo na expectativa de que, afinal de contas, as pessoas que trabalham com cinema não podem ficar limitados apenas a um diálogo com o Poder Executivo, que, de sua parte, por intermédio do Ministério da Cultura, não tem a liberdade para debater...

Dos contatos que estamos mantendo, há a observação – e isso está nesse documento que temos em mãos –, de que o Poder Executivo sofre limitações para o debate do problema, já que é um assunto muito polêmico, com muitas diversificações, pontos de vista diversos e uma realidade bastante tumultuada.

O Governo debate esse problema. Convidaremos também os agentes do Poder Executivo para virem aqui, e talvez antecipem o que já existe a respeito do assunto. Esses documentos expressam todas as controvérsias que existem no mundo do cinema. Muitos virão aqui para debater e, naturalmente, os membros da Comissão já conhecerão o ponto de vista de alguns. Mandaremos também recortes de revistas e jornais de todo o País com todo esse material sempre atualizado, tudo o que aparece sobre cinema recolhemos imediatamente e tudo está documentado e preparado para ser distribuído para os membros da Comissão. É uma pasta da Comissão Especial do Cinema, que nos retira essa distância imaginária que existe entre o Senado e as pessoas do cinema.

Essa é a recomendação que faço aos meus assessores e acredito que o Presidente poderia proceder da mesma forma.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Passaremos à análise dos blocos temáticos e de suas subdivisões, e quais as sugestões que os Srs. Senadores gostariam de fazer.

Peço desculpas pois não fiz uma referência a tempo. Está entre nós o Dr. Jarbas Silva Marques, que é Diretor do Pólo de Cinema e Vídeo de Brasília e nós dá a honra de sua presença. Peço que tome assento à mesa, desculpando-me não ter feito essa referência antes. Sua presença nos honra muito e demonstra desde logo a importância desta Comissão.

Com a palavra o Senador Francelino Pereira, para falar sobre as audiências públicas, os blocos temáticos e a forma e o tratamento que daremos a esse assunto.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - A primeira impressão é que convocaríamos os cineastas, os produtores e exibidores para um debate, mas é preciso ter uma certa disciplina, orientação e um roteiro.

O Presidente sugeriu que o debate tivesse uma visão dos temas, daí porque sugerimos as audiências públicas por blocos temáticos. Esse é o título da matéria que foi distribuída para os Srs. Membros da Comissão. O primeiro bloco seria formação: professores de escolas públicas, privadas e de institutos. A formação propriamente dita.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Senador Francelino Pereira, quero sugerir que também convidemos profissionais especializados por áreas.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - E não apenas professores.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Um roteirista, um fotógrafo, um cenógrafo, que pudesse nos falar sobre as dificuldades técnicas, materiais e também de formação que esses profissionais encontram no Brasil, e se temos hoje no Brasil um bom acervo de mão-de-obra para se pensar num cinema de qualidade industrial como imaginamos que deva ser o cinema brasileiro.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Agora esse item é especificamente sobre a formação; o segundo item é sobre a produção. Na produção, estariam os produtores, os diretores, a captação de recursos e vídeo.

O terceiro item é a distribuição: de nacionais, estrangeiros, televisão e vídeo. Outro item é a exibição: estações, espaços, federações, mutliplex e cinemas do interior. Um item temático é a memória, onde estariam as cinematecas. A memória pode se colocada junto com a formação, para

facilitar. O outro bloco é investimentos: empresas e empresários investidores. O outro é política pública: órgãos e agentes do Poder Executivo. Finalmente, legislação, que é a legislação vigente e proposta de reforma, que é o objetivo final. Além de debater o assunto, sugerir linhas programáticas para o cinema, debater o cinema nacional e o cinema estrangeiro. Esse é um grande debate polêmico; há muita coisa para se conversar de forma aberta para ficar bem claro que esta Comissão Especial do Cinema está sendo realizada no Senado com o estímulo de agentes diversos do setor privado e do setor público, exatamente porque aqui se poderá falar tudo francamente, abertamente e criticamente.

Qual o papel da cinematografia norte-americana no Brasil? Qual o destino do cinema nacional? O que ocorreu com o cinema nacional? O que está acontecendo? Ele está renascendo ou está se encolhendo?

É um debate amplo, ardoroso. E a imprensa acompanha isso com muito cuidado. Não há um jornal ou uma revista nacional que não publique, em todos seus números, alguma coisa sobre o cinema nacional, até porque todos os brasileiros participam do cinema, mesmo como espectadores. Essa é uma sugestão para as audiências públicas com relação aos blocos temáticos.

O SR. GERSON CAMATA - Sr. Relator, V. Ex^a me permite? Há um mês a revista **Veja** publicou uma reportagem terrível, que demanda uma CPI e não uma comissão, sobre o mau uso do dinheiro. Na verdade, há. Um diretor contrata um filho dele por R\$250 mil e o filme não rende R\$100 mil. Tudo isso com o dinheiro da... Esse rapaz da **Veja** poderia vir aqui, porque teremos que mudar a legislação. Não podem acontecer essas coisas.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Poderíamos trazer, como V. Ex^a sugere, esse rapaz da **Veja** e poderíamos trazer também os rapazes, ou o rapaz, do jornal **O Estado de S. Paulo** que, em seguida, publicou um caderno amplo, com todos os assuntos pertinentes ao cinema, de uma forma mais positiva, para usar a expressão de V. Ex^a.

O SR. GERSON CAMATA - Poderiam debater junto, no mesmo dia.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Sr. Relator, Senador Francelino Pereira, penso que é perfeita a sugestão de V. Ex^a. A Comissão se orientará por essas propostas, mas gostaria de acrescentar que poderíamos convidar alguém da área de propaganda, de **marketing**, divulgação e comercialização. É bem fácil constatar que um dos problemas maiores do cinema é a divulgação e comercialização do filme. Aliás, a respeito daquilo que disse o Senador Gerson Camata, sobre possíveis denúncias da revista **Veja**, recebi correspondência do Ministério da Cultura, mostrando uma série de medidas que já vêm sendo tomadas há algum tempo, desde o início deste ano, que são altamente restritivas em relação a possíveis desvios ou mau uso desses recursos que, na verdade, são recursos públicos indiretos, mas são recursos públicos, isso é verdade, sem dúvida nenhuma.

O SR. GERSON CAMATA - Deixa de ser arrecadado.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Sugiro que não deixemos, na área de produção, de convidar alguém ligado ao curta-metragem, cinema semi-amador, profissional, semiprofissional e que é sempre um âmbito de formação, é onde muitos dos cineastas mais antigos do País formaram a sua habilidade profissional. Então, eu pediria que isso constasse também do item “produção”.

O SR. AGNELO ALVES - Uma consulta, Sr. Presidente. Isso não impede que, no decorrer do tempo, se faça sugestão de logo...

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Evidente. A total liberdade e amplamente aceita qualquer indicação ou sugestão dos Srs. Senadores.

Creio que com isso encerramos essa parte dos blocos temáticos. Podemos, então, passar a palavra ao Senador Francelino Pereira, para que nos relate a sua participação na abertura do Festival de Cinema, do Rio de Janeiro.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - A Comissão designou o Relator, que está falando, e o Senador Roberto Saturnino, para participarem ou representarem a Comissão e o próprio Senado na abertura do Festival do Cinema, no Rio de Janeiro, que é um acontecimento que está sendo realizado com ampla repercussão.

O Senador Roberto Saturnino não pôde comparecer porque, nesse dia e nessa noite, tinha um compromisso em Manaus. Compareci e, com o intuito de formar uma documentação, fiz um pequeno relato do que aconteceu.

Estive no Rio de Janeiro, no dia 16 último, para representar essa Comissão Especial do Cinema e o Senado Federal na abertura do Festival do Rio/99.

Estou colocando o Senado Federal, porque ali compareci também em nome do Senado, e, quando se comparece a uma reunião em nome do Senado, naturalmente tem-se que prestar contas também ao Senado, até porque importa em despesas para o Senado.

A impressão que trago é realmente boa. Com esse Festival, o Rio de Janeiro demonstra ter, de fato, os ingredientes necessários para transformar-se em Capital mundial do cinema, ao sul do Equador.

O Festival do Rio surgiu da fusão de dois mais importantes festivais de cinema da Cidade: o Mostra Rio e o Rio Cine. E nasceu com a disposição de ser o principal evento do gênero do País. Por trás dessa arrojada iniciativa, está um grupo de jovens empreendedores com o espírito do cinema alternativo. São eles: Vilma Lustosa, Marcelo Mendes, Yafa Britsi, Marco Didonet, Nelson Clovi, Walquíria Barbosa, Hilda Santiago e Adriana. Estive pessoalmente com essas pessoas.

O Festival Rio 99 vai de 16 a 30 de setembro, apresentando 500 filmes em vídeo de 55 países dos Estados Unidos à Lituânia e exibidos em 25 salas de cinema da Barra da Tijuca a Caxias. São mais de 25 ciclos paralelos, a começar pelo panorama mundial das produções recentes, seguido pela *Première Brasil* com pré-estreia de filmes brasileiros, passando por imagens espanholas e argentinas e três retrospectivas com as produções do brasileiro Roberto Farias, do inglês John Cassavetes e do russo Andrei Tarkovich.

Por tudo isso, a imprensa do País está saudando o Rio 99 como um megaevento e o maior festival do cinema da América Latina, merecidamente.

À cerimônia de abertura compareceram a imprensa, a classe artística e o mercado audiovisual do País e do exterior. Representantes do Prefeito e do Governador do Estado, José Carlos Avelar, da Rio Filme, e Adriano de Aquino, Secretário Estadual de Cultura, discursaram sobre a importância do evento. O Secretário do Audiovisual, José Augusto Moisés, falou representando o Ministro da Cultura, Francisco Weffort. Em nome da Petrobrás, falou o Presidente da BR Distribuidora, Sr. Luiz Antônio Viana. Pela outra empresa patrocinadora, a Telemar, falou o seu Presidente, o Sr. Manoel Horácio. Falou ainda o Sr. Francisco de Paula Pinto Júnior, Diretor do Grupo Severiano Ribeiro, proprietário do Cinema Odeon. Fechado há quatro meses, o Cinema Odeon, localizado na tradicional Praça da Cinelândia, está atualmente sob a administração do Grupo Estação, empresa dos jovens empresários acima mencionados. Patrimônio arquitetônico cultural da cidade maravilhosa, o Cinema Odeon sofreu uma ampla reforma para se transformar na Sede do Festival. Esse é mais um efeito positivo deste evento: a recuperação e devolução ao povo carioca dessa tradicional sala de exibição.

A cerimônia foi conduzida pelo ator Othon Bastos, que se vestiu de pastor para, numa alusão à quase transformação dessa sala em igreja, convocar a platéia a louvar a reabertura do velho palácio ou templo, um marco da celebração do cinema enquanto arte e meio de expressão de nossa identidade cultural.

O ator americano Forest Witaker, estrela do filme de abertura, *Hot Dog*, veio ao Brasil especialmente para a cerimônia e foi aclamado pela platéia. Igualmente aplaudidos foram os cineastas Roberto Farias e os diretores dos novos filmes brasileiros inscritos: Carlos Resbrak, Eduardo Coutinho, João Batista de Andrade, Alberto Graça, Sérgio Rezende, Aluizio Didier e Ricardo Bravo.

Depois da cerimônia, os convidados dirigiram-se ao Palácio da Guanabara para uma grande festa oferecida pelo Governador Anthony Garotinho, nos jardins, que durou até a madrugada.

O Festival do Rio 1999 continua até 30 de setembro com uma expectativa de um público de 100 mil pessoas. Seus convidados hospedam-se no Hotel Copacabana Palace, onde também

acontecem encontros e seminários do mercado. Por estes 15 dias, o Rio de Janeiro, sem dúvida, concentra as atenções do mundo do cinema.

Este é o relatório da viagem que fizemos e encaminhá-lo-ei à Mesa do Senado.

Anteontem à noite, estive no Teatro Nacional para ver a retrospectiva dos 50 anos de carreira da nossa querida Fernanda Montenegro. Sua extraordinária capacidade de atriz estava ali, claramente exposta, em fotos, pôsteres, vídeos, sons, entrevistas, cartas, bilhetes, todos reminiscentes do teatro, do cinema e da televisão brasileiros dos anos 50 até o presente. Por mais de duas horas, Fernanda Montenegro cumprimentou e conversou com todas as pessoas que compareceram à mostra de sua vida. Foi-lhe entregue, em mãos, a separata Ressurreição do Cinema, editado pelo Senado. Esse documento contribuiu para viabilizar a criação e instalação desta Comissão Especial.

Comunico também à Casa que, em Belo Horizonte, capital do meu Estado, realizamos uma reunião no meu escritório particular com a participação dos cineastas jovens em sua maioria, inclusive Alberto Raton. Em uma reunião demorada, Minas demonstrou que pretende dar uma grande contribuição para esta Comissão. Eles estão acabando de redigir o documento que mostra o seu interesse e oferecendo perspectivas para o nosso debate e para solução final desta Comissão.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - A Presidência recebeu no Senado a visita do cineasta Claudio McDowell, autor do belo filme **O Toque do Oboé**, que veio também trazer sua contribuição, o seu apoio a esta Comissão do Cinema.

A palavra está à disposição dos Srs. Senadores, antes de encerrarmos a reunião.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Sr. Presidente, deveríamos decidir sobre a presença de um ou mais representantes desta Comissão num diálogo informal com os promotores do Festival do Rio. Eles convidaram-nos para a abertura e para um encontro – não uma audiência pública – informal e produtivo em termos de informação aos membros da Comissão com representantes do festival no Rio, ao fim desta semana, hoje ou amanhã.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Senador Roberto Saturnino, V. Ex^a é um dos designados pela Comissão como o representante oficial para todo o festival, V. Ex^a e o Senador Francelino Pereira. Caso outro Senador tenha a oportunidade de ir ao Rio para comparecer a essas reuniões, a Presidência também o designará.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Eu queria apenas informar que, na última reunião, houve essa deliberação sobre o Relator e o Senador Roberto Saturnino, até com um argumento prático: primeiro, o Rio é a cidade do Senador Roberto Saturnino, e S. Ex^a também está muito envolvido com o cinema; quanto a mim, não apenas pela condição de Relator, mas pelo fato de que, quando se vai a Belo Horizonte, passa-se primeiro em Belo Horizonte e se vai ao Rio depois, ou, como diz o Senador Roberto Saturnino, primeiro se vai ao Rio e depois a Belo Horizonte.

De maneira que há o convite expresso do Festival de Cinema do Rio no sentido de que realizássemos uma audiência pública lá. No entanto, entendemos, de acordo com o Presidente da Comissão, Senador Fogaça, de que seria bastante prematura a realização de uma audiência pública no Rio, simultaneamente com o Festival, reunindo-se mais de 100 mil pessoas.

Então, deliberou-se que teríamos um encontro com os dirigentes do seminário. Estávamos aguardando essa decisão agora, para ainda hoje mantermos um contato com a direção do seminário no Rio de Janeiro, a fim de que esse encontro se realize amanhã, pela manhã, antes do início dos trabalhos no Copacabana Palace. Nessa hipótese, todos poderão comparecer, e o Senador Roberto Saturnino e o Relator não devem perder. Vamos falar com muita clareza: ou nos engajamos pública, aberta e entusiasticamente nesse trabalho e passamos — quem não tem muito amor ainda — a ter muito amor pelo cinema, considerando que é um segmento importante da economia brasileira e da cultura nacional, ou, então, não chegaremos a bom termo. As coisas só se fazem com paixão e, ao mesmo tempo, sob pressão, esta que exercemos sobre nós mesmos.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Nós teremos uma reunião na próxima quinta-feira, dia 7 de outubro, e será a nossa primeira audiência pública.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Na sexta-feira.

O SR. PRESIDENTE (Freitas Neto) - Não, na próxima sexta-feira, não vejo possibilidade, porque é possível que alguns tenham agenda.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Não, é na outra sexta-feira.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - A primeira reunião será na próxima quinta-feira, dia 7.

Eventualmente, poderá até se estender na sexta-feira, se alguém entender assim. A primeira reunião está marcada para o dia 7.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Sr. Presidente, permita-me uma observação. Não dá para trabalhar em um clima, como eu diria, morno, de espaços longos. Eu estava entendendo que poderíamos fazer um encontro informal na quinta-feira, até para nos prepararmos para a sexta-feira, mas a próxima reunião da Comissão, com audiência pública, seria na sexta-feira da próxima semana, de 9 da manhã até meia-noite.

O SR. GERSON CAMATA - Sr. Presidente, a Assessoria considera que, em uma semana, não dá para reunir esse pessoal.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Senador Gerson Camata, eu dou a palavra imediatamente a V. Ex^a. Não se preocupe, que todos vão poder opinar. Eu apenas quero dizer o seguinte, Relator: nós temos audiências marcadas para o dia 7; não houve decisão de marcarmos para o dia 8, essa decisão não foi tomada. Se houver, agora, a proposta, teremos que submetê-la à votação.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Essa é a proposta que S. Ex^a tem.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Veja bem, o que estou aqui expondo, dando conhecimento à Comissão ao que já foi decidido e formalmente aprovado, que na próxima quinta-feira, dia 07 haverá uma audiência pública.

O SR. ROBERTO SATURNINO - A próxima quinta-feira não é dia 7, mas 8.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Não estou com o calendário. Recebi a informação da Secretaria Executiva da Comissão.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Na próxima sexta-feira, dia 30 de setembro. Quer dizer, é ainda em setembro.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Então, o engano foi da Presidência da Mesa. Dia 30 de setembro ocorrerá a primeira audiência pública, quinta-feira.

Estamos com datas muito distantes uma da outra. Isso é inviável. Como vamos marcar só para o dia 07 de outubro a próxima reunião? O que foi aprovado formalmente foi o dia 07 de outubro, e ficaria esse espaço enorme em branco. E não é possível, isso está errado. Teremos que revisar essa decisão.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Fariamos na próxima quinta-feira uma reunião nossa...

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Foi aprovado o dia 07 de outubro. Recebi isso e não contei, e não vi que a diferença é...

Isso está errado. Temos de convocar para o dia 30 de setembro. Então, proponho à Comissão, que no dia 30 de setembro, quinta-feira, convoquemos uma audiência pública.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Já seria uma audiência pública?

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Sim.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Mas nós combinamos que a audiência pública seria nas sextas-feiras, o dia inteiro.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Nós nos reuniremos na próxima quinta-feira, numa reunião nossa, de certa forma administrativa, mas já deliberando desde logo que a audiência pública seria na sexta-feira, o dia todo.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Não foi isso que definimos. Isso seria feito com o tempo necessário a essa convocação.

O SR. AGNELO ALVES - Inclusive, nas sextas-feiras, geralmente, o Presidente não pode estar presente, ...

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Quem?

O SR. AGNELO ALVES - O Presidente, porque tem sempre compromisso de conferências e trabalhos...

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Veja V. Ex^a, foi dito que é possível fazer na sexta-feira? É possível. Mas como? Se há muitos compromissos principalmente em sextas-feiras, isso tem que ser marcado pelo menos com duas ou três semanas de antecedência. Na próxima sexta-feira eu não poderia estar, Sr. Relator. Então precisamos eleger um Vice-Presidente que possa me substituir.

O SR. ROBERTO STURNINO - Não, podemos marcar na sexta-feira, 08 de outubro.

O SR. AGNELO ALVES - Pode ser na segunda-feira, 04 de outubro, por que não?

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Estamos com um problema de data. Eu, na próxima sexta-feira, que seria 01 de outubro, tenho compromisso e não posso estar na reunião.

O SR. ROBERTO SATURNINO - E na outra, sabe se tem algum compromisso?

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Não, no dia 08 não teria problema, mas ocorre que no dia 08 de outubro fica um espaço muito grande. Por isso que estou propondo que, no dia 30 de setembro façamos já uma audiência pública.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Exatamente.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Mas será uma audiência pública muito prensada nesse...

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Por quê? Qual o problema? Qual a dificuldade de se ouvir alguém na quinta-feira que vem? Qual o erro que se incorre em fazer uma convocação de quem quer que seja?

O SR. FRANCELINO PEREIRA - O que estou imaginando é que nós temos pressa...

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Justamente por isso.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - ...pressa no sentido de agilizar em dimensão maior os trabalhos da Comissão. Então, a próxima reunião seria essa audiência integral, o dia todo, com os membros da Comissão, sem prejuízo de outra reunião administrativa nossa antes.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Não temos mais questões administrativas a resolver, Senador Francelino Pereira. Temos agora é que ouvir as pessoas do cinema.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Quinta-feira há sessão plenária. Quer dizer, não podemos fazer essas audiências de dia inteiro.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Não seria uma audiência de dia inteiro. Convocamos alguém para 09 horas, que ficará até às 11 horas prestando o seu depoimento. Já será um início importante. É o que proponho e, sobretudo, o que defendo que façamos.

O SR. AGNELO ALVES - V. Ex^a propõe quinta-feira próxima.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Sim. Não importa que dia seja. Próxima quinta-feira.

O SR. AGNELO ALVES - O dia todo?

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Não seria o dia todo. Seria apenas um primeiro depoimento. Podemos convidar um produtor de cinema, que nos desse uma primeira pauta, um - digamos assim - primeiro cardápio de assuntos em torno dos quais pudéssemos...

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Senador José Fogaça, vamos debater isso agora, porque é muito importante. Não seria interessante que realizássemos essa reunião... (Falha na gravação.)

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - ...primeiro da Ordem do Dia.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - A Ordem do Dia de quinta-feira é de aproximadamente duas horas, correspondente ao período de votação. Podemos até suspender a reunião nesta hora.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Não é possível. Não podemos marcar isso e depois não ter como se cumprir.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Se começássemos, na quinta-feira, dia 30, ouvindo tão somente os dois jornalistas?

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Também é uma sugestão importante.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Não penso que devemos começar com os jornalistas; devemos começar com pessoas que, efetivamente, estejam à frente...

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - A sugestão é dos membros da Comissão e cabe...

O SR. ROBERTO SATURNINO - Penso que a repercussão com duas pessoas apenas vai ser reduzida.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Não tenho dúvida.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Está feita a sugestão

Se não houver outra sugestão, vou submetê-la ao Plenário.

A sugestão do Senador Roberto Saturnino é a de convocar os dois jornalistas aqui mencionados.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Eu não gostaria de fazer uma sugestão com a opinião divergente do Relator.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Sr. Presidente, eu imaginava o seguinte: quinta-feira, faríamos uma reunião extensa. Começaríamos às nove horas e iríamos até às dez ou onze horas, quando se iniciaria a votação, ouvindo duas ou três pessoas; na tarde de quinta-feira, reuniríamos mais três, quatro ou cinco pessoas.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Senador Francelino Pereira, sou Relator de comissões mistas, sou Relator de várias matérias na Casa, e, nas quintas-feiras tenho reuniões dessas comissões mistas, não tendo como estar presente.

Sugiro que a Comissão eleja também um Vice-Presidente, para essas eventualidades, a fim de conduzir a Mesa quando for o caso.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Desculpe-me, mas a sua presença é fundamental.

O SR. ROBERTO SATURNINO - E se fosse na quinta-feira, à tarde?

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Só para dizer a V. Ex^a, hoje é quinta-feira. Hoje à tarde eu tenho três reuniões sobre a medida provisória das dívidas agrícola, problema esse que, possivelmente, se estenderá durante todo o mês de outubro.

O SR. AGNELO ALVES - Tenho também a Comissão de Pobreza.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Então, a sexta-feira seria o dia para essas longas maratonas de trabalho. Não há nenhuma dúvida, apenas não poderia ser na primeira sexta-feira, mas nas seguintes tudo bem.

O SR. ROBERTO SATURNINO - Então, vamos deixar a primeira audiência para o dia 8 e depois engrenamos três sextas-feiras...

O SR. FRANCELINO PEREIRA - Então, faremos na quinta-feira uma reunião menor, às 9h ou 9h e 30 min, convidando dois ou três personalidades do cinema, e na sexta-feira faríamos a grande reunião.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Finalmente estamos chegando a um consenso. Então, está decidido, não vejo objeção, que, na próxima quinta-feira, dia 30 de setembro, às 9h, realizaremos audiência pública.

O SR. FRANCELINO PEREIRA - E na sexta-feira?

O SR. ROBERTO SATURNINO - E na sexta-feira seguinte, dia 8, não é?

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - Exato. Então a Secretaria Executiva vai ouvir o Relator e combinar com os Srs. Senadores quanto aos nomes a serem convidados e depois dar a divulgação, uma vez que seja confirmada essa possibilidade da presença para a próxima quinta-feira, dia 30 de setembro. Evidentemente que já se iniciam as tratativas também para o dia 8 de outubro, sexta-feira subsequente.

Com a palavra o Senador Agnelo Alves.

O SR. AGNELO ALVES - Na quinta-feira...

O SR. ROBERTO SATURNINO - Quinta-feira, dia 30.

O SR. PRESIDENTE (José Fogaça) - 30 de setembro, quinta-feira, audiência pública, a primeira.

Aprovado.

Está encerrada a reunião.

(Levanta-se a reunião às 10h36min.)